

Muitas boiadas para a briga de Aureliano

Brasília — Gilberto Alves

Candidato cita velho ditado para mostrar que não vai renunciar

BRASÍLIA — O presidente do PFL, Aureliano Chaves, pretendia traçar com os representantes das zonais do Distrito Federal o lançamento de sua candidatura na região. Após reunião de mais de três horas, entretanto, acabou ouvindo dos 44 representantes pedidos de toda ordem, como cimento para a construção de casas na cidade-satélite de Ceilândia para “cabos eleitorais natos”, o apelo fervoroso de seu filho, Antônio Aureliano, para que não decepcione renunciando à sua candidatura, e críticas por não ter conseguido indicar um nome do PFL para governar o Distrito Federal.

“Vocês conhecem o ditado, a gente dá um boi para não entrar na briga e uma boiada para não sair?”, perguntou Aureliano, respondendo em seguida: “Pois eu dou muitas boiadas para não sair dessa briga. E olha que o boi está caro”, completou, tentando tranquilizar os presentes ao dizer que a sua candidatura veio das bases e que não os frustrará. “O senhor me ensinou a lutar com todas as garras, lutar tanto intelectual quanto até fisicamente”, enfatizou, emocionado, Antônio Aureliano, sendo aplaudido pelos demais, ao defender a permanência do pai na campanha.

Aureliano fez questão de mostrar que não existe nenhuma possibilidade de Jânio Quadros ocupar o seu lugar: “Não há essa chance, nem qualquer frente”, advertiu, acrescentando que “o apoio de Jânio é extremamente importante porque ele representa uma liderança política aprovada e testada”. Sobre as pesquisas eleitorais, Aureliano afirmou para seus correligionários que elas são distorcidas: “É igual a botar açúcar no café, não mexer e dizer que ele está amargo.” O ex-ministro garantiu que tem 2% do eleitorado desde o início da campanha e este número não caiu.

Durante seu discurso, Aureliano aproveitou para elogiar a atuação dos dirigentes da Central Única dos Trabalhadores durante a negociação que antecedeu o que seria a greve dos petroleiros: “Não tive um contato com o pessoal da CUT que eles não tivessem cumprido integralmente” — disse Aureliano, acentuando que os sindicalistas foram muito corretos.

Constrangimento — Ao ouvir cada um dos representantes das comunidades que foi ao escritório do PFL levar o apoio à sua candidatura, Aureliano, constrangido, ouviu de um líder comunitário de Ceilândia, Arlindo dos Santos, o pedido de ajuda para a construção dos barracos de 20 pessoas escolhidas pessoalmente por ele para serem beneficiadas com



Aureliano diz que sua candidatura veio das bases do partido

lotes. “Esses lotes estão distribuídos em diversos pontos e eles vão nos ajudar a eleger o senhor, só que não há dinheiro para comprar um saco de cimento sequer” — disse Arlindo, lembrando que poderia até levar o título de eleitor deles para garantir o voto.

Aureliano preferiu não comentar o assunto. Pouco depois foi a vez de um outro morador da região, pedindo que não fossem distribuídos só 20 lotes para o pessoal do setor P-Sul na Ceilân-

dia, mas 8.135 para todos os necessitados da área. Depois de ouvir apelos para que ative o seu comitê de campanha no DF, que saia às ruas para se lançar e que encontre uma fórmula para que o país encampe a sua candidatura, Aureliano Chaves ouviu um pedido no mínimo difícil de ser cumprido: que conduza sua campanha sem conchavos para que, quando presidente da República, possa tomar decisões cabíveis, sem ter que dar satisfação a ninguém.